



A construção do folclore no Maranhão

*Clicia Adriana Abreu Gomes**
*Sergio Figueiredo Ferretti***

Abstracts

The Authors reflect on "interests" and "investments" directed at cultural forms defined folkloristic, starting from the analysis of agent constraints with the Maranhense subcommittee of folklore. They seek to understand the genesis of the motivation of the "intellectuals" maranhenses for folklore, for the conceptions and problems associated with the folklore as they expressed in some of their textual productions.

Keyword: interests, investments, folklore, Maranhão

Los Autores reflejan sobre los "intereses" y las "inversiones" directas en las formas culturales definidas folclóricas, a partir de un análisis de las limitaciones de la Subcomisión maranhense de folclore. Tratan de comprender la génesis de la motivación que lleva a los "intelectuales" maranhenses al folclore, a los conceptos y a los problemas asociados con el folclore; los mismos expresados en algunas de sus producciones textuales.

Palabras clave: interés, inversión, folclore, Maranhão

Gli Autori riflettono sull'“interesse” e sugli “investimenti” nelle forme culturali definite folcloriche partendo dai vincoli dati dalla Sottocommissione maranhense del folclore. Cercano di comprendere la genesi delle motivazioni degli “intellettuali” maranhensi per il folclore, le concezioni e le problematiche associate al folclore e da loro espresse in alcune delle loro produzioni testuali.

Parole chiave: interessi, investimenti, folclore, Maranhão

Preâmbulo

O presente artigo teve como enfoque a investigação acerca de interesses e investimentos direcionados para formas culturais

*Universidade federal do Maranhão (Ufma), Brasil; e-mail: cliciagomesph@yahoo.com.br.

** Universidade federal do Maranhão (Ufma), Brasil; e-mail: ferrettisf@gmail.com.



denominadas folclóricas¹ a partir da análise da vinculação de agentes à Subcomissão maranhense de folclore, entidade atuante desde meados da década de 1940, na cidade de São Luís, Maranhão, Brasil².

O Estado do Maranhão possui uma vasta gama de práticas culturais que mobilizam a população a produzir, participar e apreciar em vários momentos do ano (Carnaval, São João, Natal, dentre outros) e, também, suscitam a realização de estudos, pesquisas e iniciativas institucionais com interesses específicos (acadêmicos, artísticos, pedagógicos, sociológicos, antropológicos, políticos, turísticos, etc.). Considerando a multiplicidade de motivações e aproximações em relação as práticas culturais classificadas como “populares” ou “folclóricas” a pesquisa realizada considerou como ponto de partida o seguinte questionamento: por que estudar interesses direcionados para o “folclore”?

No âmbito mais pessoal, a familiarização e relação afetiva com práticas culturais diversificadas foram decisivas para que fossem privilegiadas temáticas associadas às áreas disciplinares voltadas para atuações culturais.

As disposições cognitivas foram sendo construídas no sentido de compreender processos de fabricação do mundo social (e cultural) operadas por agentes a partir da relação entre características sociais, lugares ocupados, interesses em jogo e investimentos realizados em diferentes domínios sociais.

¹ Em relação ao vocábulo folclore (“saber do povo”), partilho da concepção de Vilhena (1997) ao afirmar que o termo indica simultaneamente uma determinada área de estudos e seu tema. Cavalcanti (1980: 1) também sublinha que, enquanto «campo de conhecimento e uma tradição de estudos», as noções – folclore e cultura popular – «são construídas historicamente, dentro de um processo civilizatório, de acordo com diferentes paradigmas conceituais e, portanto, seu significado varia ao longo do tempo». Dentre os significados associados a essa designação, têm-se: 1) equivalente ou modalidade integrante da “cultura popular”; 2) objeto de curiosidade de intelectuais “conservadores”; 3) práticas caracterizadas como “anedóticas”, “ridículas”, “pitorescas”, “inverídicas”, “inventadas”, etc.; 4) “cristalização da cultura”, “mistificação”, “museificação”; 5) conhecimento classificado como pré-científico ou semi-ciência, etc. (Vilhena, 1997: 64).

² Resultado da pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de pós-graduação em Ciências sociais da Universidade federal do Maranhão sob orientação do professor dr. Sergio Figueiredo Ferretti e que foi subsidiada graças a bolsa de estudos oferecida pela Capes (Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior).



1. Noções analíticas: disposições, crenças, interesses, capital social e cadeia líderes-seguidores

O estudo foi guiado pela perspectiva de que as pessoas, a partir de suas «disposições e inclinações básicas são orientadas uma para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras constituindo teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades» (Elias, 2008: 15). No caso de configurações como a brasileira em que a permeabilidade entre os domínios sociais é extremamente grande – os sujeitos possuem múltiplas e simultâneas vinculações e formas de atuação social – dificilmente podemos traçar fronteiras entre setores, domínios e agrupamentos sociais ou delinear lógicas exclusivas.

Todavia, como argumenta Sigal (2002) ao discorrer sobre a relação entre intelectuais e campo cultural em configurações latino-americanas, o fato de os agrupamentos e instituições serem profundamente marcados pela forte coerção política, não inviabiliza o reconhecimento de planos sociais dotados de «instâncias de consagração estáveis e interesses específicos em jogo» (Sigal, 2002: 9-10).

Considerando a importância sociológica de especificar microcosmos ou domínios sociais tentando assinalar elementos que os diferenciam e os particularizam, o estudo foi orientado no sentido de delinear um domínio social e, também, as formas de atuação em nome de certos objetos e problemáticas, implicando em distinguir as «crenças» que o sustentam, identificar «jogos de linguagem próprios» e «objetos materiais e simbólicos» nele gerados (Bourdieu, 1996^a: 15). Para tanto, empenhou-se em identificar a crenças ou “illusio”, «investimento no jogo ligado a interesses e vantagens específicos» (Bourdieu, 2004: 108-109), tendo claro que «não existe um interesse, mas *interesses*, variáveis segundo o tempo e o lugar, quase ao infinito» (*Ibidem*: 126) e, que, «em cada caso, é preciso determinar empiricamente as condições sociais de produção desse interesse, seu conteúdo específico» (*Ibidem*: 63).

Um correlação analítica fundamental foi a de que as crenças, investimentos e posicionamentos resultam da interdependência entre “disposições sociais” (configuram esquemas de percepção e apreciação; estruturas cognitivas; modalidades de avaliação, pensamento e ação de forma durável e relacionada a uma posição no mundo social) e as “estruturas sociais”, isto é, as «estruturas objetivas independente das



consciências e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar e coagir suas práticas e representações» (*Ibidem*: 149).

As “disposições sociais” podem ser identificadas através das propriedades incorporadas tais como aquelas herdadas, adquiridas ou vinculadas à origem social e geográfica, por exemplo, mas sempre em relação às posições ocupadas socialmente. Já o pertencimento a um grupo ou a inserção em “redes sociais” de forma duradoura, a princípio, pode ser delineado a partir do exame das crenças e investimentos em nome de temas e objetos, bem como, da maior ou menor proximidade no espaço social de acordo com a posse de capitais específicos (cultural, notoriedade pessoal, econômico, etc.) (*Ibidem*).

As discussões apresentadas por Miceli (2001) sobre «intelectuais e classe dirigente no Brasil», no período de 1920-1945 ressaltam a importância das relações sociais, mas estas cada vez mais exigindo a aquisição complementar de recursos escolares e culturais. Considerando tal especificidade, o estudo tomou por base categorias que ajudassem a entender tipos de interações estabelecidas entre produtores culturais a partir da noção de “capital social” ou “capital de relações sociais”³.

Uma outra referência importante foi encontrada nas discussões apresentadas por Elias (2011) ao ater-se à produção de conceitos como “civilização” e “cultura”. O Autor observou que quando determinados indivíduos constroem noções, a partir das referências pré-existentes, eles podem conferir-lhes novos significados que, posteriormente, são apropriados e cristalizados socialmente. Uma das estratégias empregadas por Elias (2011) foi traçar a genealogia dos conceitos a partir do contexto histórico-social e da análise dos conteúdos das obras literárias, as quais revelaram ligações entre posição social e ideias expressadas.

De modo complementar, o estudo também tomou como suporte teórico os escritos de Geertz (1997), ao apontar elementos para “etnografia do pensamento”, ele afirma que «pensamento é o que acontece dentro de nossas cabeças. E pensamento, principalmente

³ «[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não são somente dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis» (Bourdieu, 1998: 67, grifos no original).



quando vários deles são agrupados, é também o que sai de nossas cabeças» (*Ibidem*: 220) e ressalta a validade de pesquisas direcionadas para o que o Autor denomina de “aldeias intelectuais” em que «na maioria dos casos, o relacionamento entre seus habitantes não é puramente intelectual, mas também político, moral e intensamente pessoal» (*Ibidem*: 234-235).

Com o intuito de descrever ações empreendidas em nome do “folclore”, no Maranhão, tomando como referência a atuação de uma rede de agentes liderada por Renato Almeida⁴ (secretário-geral da Comissão nacional de folclore) e constituída por interessados por temáticas associadas ao “popular” (secretários estaduais e membros das subcomissões), a partir de 1948, foi também necessário considerar a noção de “cadeias líderes-seguidores” em que um «conjunto de indivíduos possui como elemento de aproximação apenas a ligação com um ego (líder), que maximiza um conjunto de ação com fins programáticos» conforme sublinhou Grill (2008: 24-25) ao citar as reflexões e noções propostas por Carl Landé no que tange a realização de estudos que privilegiam domínios políticos.

2. Os caminhos da pesquisa

A primeira ação de pesquisa foi a realização de um levantamento bibliográfico com vistas a subsidiar a estruturação de um quadro geral dos estudos sobre o tema do folclore no Brasil e no Maranhão, tais como: Ortiz (1992), Vilhena (1997), Cavalcanti, Lins e Barros et al. (1992), Braga (2000) e Albernaz (2004), Barros (2007), Sousa (2003), Corrêa (2001), Ferretti (2009), etc.

O passo seguinte consistiu em pesquisas bibliográficas nos acervos do Centro de cultura popular Domingos Vieira Filho, Academia

⁴ Nasceu na Bahia (6/12/1885) e faleceu no Rio de Janeiro (21/01/1981). É conhecido por sua atuação como musicólogo, folclorista e funcionário do Ministério das relações exteriores. Diplomou-se pela Faculdade de ciências jurídicas e sociais, exerceu as funções de advocacia e jornalista. No ministério, trabalhou por um longo período no setor de documentação e representou oficialmente o Brasil em eventos internacionais. Sua produção intelectual foi dirigida para os temas da música, folclore, poesia, dança folclórica, danças africanas, etc. Foi membro do Conselho superior de música popular brasileira do Museu da imagem do som e um dos fundadores da Academia brasileira de filologia (Instituto cultural Cravo Albin, 2016).



maranhense de letras, Instituto histórico e geográfico do Maranhão e Biblioteca Benedito Leite, sendo que o objetivo foi identificar e localizar informações sociobiográficas acerca dos primeiros membros da Subcomissão maranhense de folclore e de suas respectivas produções textuais voltados para o tema do “folclore”.

Em março de 2013, graças ao convênio Programa nacional de cooperação acadêmica, Universidade federal do Maranhão, Instituto de filosofia e ciências sociais, Universidade federal do Rio de Janeiro, foi possível realizar uma viagem para a cidade do Rio de Janeiro, com duração de um mês, para efetuar pesquisa na Biblioteca Amadeu Amaral, vinculada ao Centro nacional de folclore e cultura popular, na qual se encontram digitalizados e disponíveis em terminais de consulta dados referentes à Comissão nacional de folclore (Cnfl) e comissões estaduais⁵. Também foram feitas duas entrevistas com intuito de obter informações acerca da atuação da Cnfl e das transformações pelas quais passou no decurso dos anos. A primeira foi com a diretora na época do Centro nacional de folclore e cultura popular (Cnfcop) Cláudia Márcia Ferreira e a segunda com o ex diretor e, também, um dos importantes estudiosos da cultura brasileira, Bráulio do Nascimento⁶.

Nos meses de abril e maio de 2013 foi iniciado o processo de organização, transcrição e sistematização dos materiais pesquisados. Já o mês de junho foi dedicado à pesquisa no acervo da Hemeroteca digital brasileira, ou melhor, em jornais maranhenses digitalizados e disponibilizados naquela plataforma, a saber: *Pacotilha*, *Diário do Maranhão*, *O jornal*, *Diário de S. Luiz*, *Folha do povo*, entre outros. Nos jornais também buscamos informações sociobiográficas e alusões as produções textuais daqueles que também atuaram no jornalismo local. Estas foram sistematizadas por datas, sendo que, em conjunto com as demais referências, possibilitaram a construção de uma lista de produções (livros, artigos de jornais, textos literários, poesias,

⁵ Antes dessa viagem, em julho de 2012, concretizei uma pesquisa preliminar, mas por conta da ocorrência de uma reforma na biblioteca Amadeu Amaral, a consulta foi possível apenas durante três dias, na qual identifiquei correspondências trocadas entre Renato Almeida (secretário geral da Cnfl) e membros da Subcomissão maranhense de folclore, dentre outros tipos de informações.

⁶ Bráulio do Nascimento, nasceu em 1924, natural de João Pessoa, é formado em letras e desempenhou atividades como jornalista, professor, crítico literário, pesquisador de “assuntos folclóricos” e ocupou diversos cargos públicos como, por exemplo, o de diretor do Instituto brasileiro de folclore. Faleceu em 26/09/2016.



comunicações) que tratavam sobre “assuntos folclóricos” desde os primeiros artigos de Antônio Lopes em periódicos locais (1912) à última publicação de Domingos Vieira Filho (1982).

Em julho de 2013, concluímos a sistematização dos materiais coletados no acervo da Hemeroteca digital brasileira, ou seja, a elaboração de um arquivo com resumos biográficos, de uma cronologia acerca de atividades e acontecimentos relativos ao conjunto de agentes identificados e a construção de um quadro sinótico contendo aspectos os sociobiográficos localizados.

Até então, não havíamos encontrado informações sobre um dos primeiros membros da Scmfl (Subcomissão maranhense de folclore), Fulgêncio Pinto. Pesquisando em sites de busca na internet encontramos, no site do *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*, as seguintes indicações biográficas sobre a cantora maranhense Flávia Bittencourt: «o avô, Fulgêncio Pinto, folclorista, compositor, multi-instrumentista e fundador do Instituto histórico geográfico de São Luís». Em seguida, contatamos Flávia Bittencourt a partir de redes sociais na internet e informei sobre a pesquisa. Ela imediatamente me informou o contato de seu pai, José dos Reis Bittencourt Pinto, para que fosse agendado um encontro. Este ocorreu no dia 26 de julho de 2013 e consistiu em uma entrevista de 51 minutos e versou basicamente sobre características biográficas de Fulgêncio Pinto.

Os meses seguintes foram dedicados a produção textual, realização de leituras bibliográficas complementares, início da construção de percursos sociobiográficos, seleção e análise de algumas produções escritas sobre o tema do “folclore” no Maranhão.

Dentre os materiais examinados destaco inicialmente aqueles obtidos durante pesquisa em arquivos de bibliotecas: documentos da Cnfl, correspondências, artigos de jornais, textos, além de informações extraídas de trabalhos locais sobre “intelectuais”, “folclore”, “cultura popular”, “identidade maranhense”. Outras fontes utilizadas foram produções intelectuais, literárias ou jornalísticas de Antônio Lopes, Fulgêncio Pinto e Domingos Vieira Filho enquanto agentes que se ocuparam mais efetivamente com o chamado “folclore”.

No que tange às produções escritas, foram realizadas as seguintes ações: leitura primária; identificação das estruturas formais, conteúdos gerais e específicos; elaboração de sínteses acerca de concepções e problemáticas recorrentes. Depois dessa sistematização, tais arquivos



subsidiaram a composição textual em que o “vai e vem” entre dados construídos e as noções teóricas das ciências sociais orientou todo o processo.

3. Construções do “popular”: instituindo o “folclore” no Maranhão

Os primeiros membros da Subcomissão maranhense de folclore, pelo menos, aqueles que foram indicados ou convidados para compô-la, de modo geral, eram classificados localmente ou se autodenominavam como “intelectuais”, “literatos” e “eruditos”. E as indagações iniciais foram: quem eram os agentes que fizeram parte da Scmfl? Por que foram indicados e convidados para integrá-la? Quais deles e em qual proporção realizaram investimentos em nome do “folclore” e passaram a ser classificados como “folcloristas”?

Para tentar responder as perguntas supracitadas consideramos os seguintes indicadores: 1) idade; 3) profissão do pai; 4) procedência geográfica; 5) educação formal (estudos secundários e ensino superior); 6) formação acadêmica; 7) percursos profissionais; 8) atuação cultural; 9) publicações.

Em termos gerais, as características sociais identificadas foram: maioria com mais de 40 anos; eram filhos de funcionários públicos, magistrados, pequenos proprietários; atuaram profissionalmente como jornalistas, professores, funcionários públicos, advogados, médicos, gestores públicos; todos tiveram algum tipo de inserção cultural; as áreas de interesse privilegiadas foram: folclore, literatura, biografias, história, política, questões regionais.

Os agentes que integraram a Scmfl durante o período compreendido entre a sua instituição em 1948 até o ano de instalação da Campanha de defesa do folclore brasileiro em 1958)⁷ foram: Antônio Lopes, Ruben Almeida, Mário Meireles, Lucy Teixeira, Fulgêncio Pinto, Domingos Vieira Filho, Fernando Perdigão, Joaquim Luz, Thomas Moses, Eleyson Cardoso, João Figueiredo, José Sarney, Vera-Cruz Santana e

⁷ Não foram englobados aqueles que passaram a integrar a subcomissão a partir de 1976, ou seja, Joila Moraes, Roldão Lima, Sergio Ferretti e Valdelino Cécio. Infelizmente, por falta de dados biográficos e em termos de inserções sociais não incluímos Almerinda Baima, Francisco José de Castro Gomes e Joel Barbosa.



Fernando Viana. De imediato, chama atenção que apenas uma mulher tenha feito parte da Scmfl.

Todos nasceram no período entre 1889 e 1930, tendo como marcos a Proclamação da República e a chamada Revolução de 30, em que no Brasil se verificou um conjunto de mudanças sociais, econômicas e políticas importantes. Dentre as transformações, Corrêa (1993: 165) destacou a passagem do «caráter elitário ao caráter classista» resultando em uma maior diversificação do tecido social.

A diferença entre as idades, de modo geral, aponta para a existência de relações horizontais entre aqueles com idades mais próximas e, que, por sua vez teriam um conjunto maior de experiências compartilhadas, bem como, relações verticais entre os mais velhos e os mais jovens, tais como aquelas entre professor-aluno, especialmente, em relação a Antônio Lopes que foi professor de alguns dos membros da Scmfl.

Observam-se com maior nitidez dois agrupamentos etários: 1) um com mais tempo de vida, formado por Antônio Lopes, Joaquim Luz, Ruben Almeida e Fulgêncio Pinto que estavam mais próximos também em termos de modos de atuação cultural e profissional; 2) outro mais jovem, constituído por Lucy Teixeira, Domingos Vieira Filho, José Vera-Cruz de Santana e José Sarney.

Em relação àqueles que eram mais “velhos”, estes, ao mesmo tempo, em que já possuíam um acúmulo de inserções sociais, culturais e profissionais, conseqüentemente, a participação em uma entidade recém-criada, a partir do incentivo e convite de agentes com alguma projeção nacional como Renato Almeida, ampliaria os recursos sociais, culturais e simbólicos no âmbito local.

No caso do agrupamento mais “jovem” e, considerando que a década de 1940 é apontada como um período de grande “efervescência cultural” na cidade de São Luís, os recém-bacharéis e aspirantes a construir um percurso literário, com suas primeiras participações no jornalismo local, possivelmente, a partir de vinculações com aqueles detentores de maiores recursos sociais e culturais como Antônio Lopes, viam na subcomissão uma oportunidade de atuação cultural e literária.

A partir das correlações realizadas durante o estudo, consideramos que as indicações e convites feitos aos agentes que integraram a Subcomissão maranhense de folclore se fundamentaram majoritariamente no fato deles integrarem as mesmas agremiações culturais e redes de interconhecimento local, resultando no fato de que a vinculação a nova entidade seria uma oportunidade de ampliar os capitais culturais e sociais.



Em contrapartida, o recrutamento foi feito no sentido de ter agentes que se destacavam ou estavam começando seus percursos intelectuais, artísticos e literários, isto é, se aproximariam dos assuntos folclóricos motivados por interesses culturais e objetivavam alcançar posições de destaque, quando ainda não as ocupavam.

Em termos intermediários, os aspectos que motivaram a vinculação a Scmfl, ainda que de forma pontual e restrita, em boa parte dos casos, foi uma aproximação mínima com o tema do “folclore” ou assuntos similares e a existência de laços de amizade, profissionais, literários e educacionais com Antônio Lopes.

Por fim, outro elemento em jogo foram os interesses cognitivos no sentido de conhecer o contexto sociocultural e as respectivas especificidades maranhenses. Nesse sentido, as práticas culturais associadas ao “popular” eram uma das vias de acesso. Após a análise das características sociais e identificação dos interesses dos membros que fizeram parte da Scmfl optamos por qualificar o estudo enfocando aqueles que tiveram uma atuação mais significativa em nome do “folclore”, a saber: Antônio Lopes, Fulgêncio Pinto e Domingos Viera Filho.

3.1. Antônio Lopes e o interesse pelos “assuntos folclóricos”

Em 1915, Antônio Lopes publicou um artigo no jornal *A Pacotilha* intitulado *Folk-lore* em que julga como negativa a persistência de festas populares como o bumba-meu-boi e o desaparecimento de outras mais “significativas” como a chegança, caninha verde, congo e fandango afirmando que «de todas as festanças populares que nos legou a tradição, a mais bárbara é, de certo, o Bumba-meu-boi, a mais estúpida, a mais insignificante» (Lopes, 1915).

Na ótica de Lopes, o Bumba-meu-boi era, dentre as festas populares, a “mais bárbara”, “mais estúpida” e mais “insignificativa” concluindo que: «pelos seus caracteres, pela sua grosseria, pela obscenidade da mãe-Catarina, pelas chufas do pai-Francisco, o Bumba-meu-boi é de gênero inferior a quaisquer dos divertimentos confrontados» (caninha verde, chegança e fandango) ^(Idem).

O posicionamento de Antônio Lopes é emblemático na medida em que ilustra um ponto de vista compartilhado por muitos de seus pares da época que viam como possuindo menos relevância os aspectos culturais produzidos no Brasil e supervalorizavam as contribuições



externas, principalmente, aquelas europeias que seriam mais elaboradas em termos culturais.

Todavia, estudos como de Corrêa (2001), Albernaz (2004) e Barros (2007), ao privilegiarem temas associados ao bumba-meu-boi, buscaram demonstrar mudanças de perspectivas no sentido inverso, ou seja, passagem do desprezo à valorização dessa prática cultural que detém o título de patrimônio cultural do Brasil⁸.

Quinze anos após o falecimento de Antônio Lopes, em 29 de novembro de 1950, Edison Carneiro⁹ enviou uma carta à viúva, Maria de Lourdes Costa Lopes da Cunha, residente em São Luís, cujo assunto consistia na sugestão de que o livro de Lopes integrasse o segundo volume da coleção *Folclore do Brasil*. Bráulio Nascimento, ao apresentar o livro em 1967, informa aos leitores que a obra havia sido concluída há cerca de 20 anos, tratava da análise de 71 versões maranhenses de 33 romances e consistia na «maior coletânea de romances tradicionais colhidos no Brasil».

Na introdução do livro, Antônio Lopes apontou informações biográficas sobre seu tio, um dos responsáveis pelos “primeiros estudos com caráter científico” sobre o “folclore brasileiro”, e, frisou que as pesquisas realizadas por ele foram desenvolvidas paralelamente as suas atividades culturais, jurídicas, científicas, filosóficas, etc. A principal preocupação de Celso Magalhães, ainda de acordo com Antônio Lopes, foi a de pesquisar sobre as “sobrevivências do romanceiro da Península ibérica no Maranhão”, esta última, por sua vez, sendo continuada por Lopes.

Das 67 versões que possuem indicação de ano, 13 foram documentadas entre 1907-1918, 09 entre 1920-1926, 04 entre 1931-1939, 06 entre 1943-1947, 32 no ano de 1948, 03 delas em 1950 (mês de setembro, antes do falecimento de Antônio Lopes). Do exposto, apreende-se que havia uma aproximação primária com o tema da “poesia popular” iniciada em 1907 por Antônio Lopes. Contudo, o fato de trinta e duas versões terem sido “coletadas” em 1948 indica que sua atuação como secretário-geral da Subcomissão maranhense de folclore, mediador e porta-voz entre interessados nos “assuntos folclóricos” no

⁸ Registrado como Complexo cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão desde 2011.

⁹ Foi diretor da Campanha de defesa do folclore brasileiro a partir de 1961 tendo sido demitido do cargo no governo militar no ano de 1964.



âmbito local e nacional, favoreceu a intensificação do interesse literário de Antônio Lopes em continuar os esforços empreendidos por Celso Magalhães.

De modo geral, a concepção de “folclore” que identificamos nos escritos de Antônio Lopes, especialmente da sua obra *Presença do romancieiro*, é que esse domínio diz respeito a formas culturais que, além de se constituírem como práticas que persistem e possuem existência longa no decurso do tempo e são comumente associadas à vida no meio rural e “sertanejo”, incluindo tanto as práticas específicas do território brasileiro (regionais, locais), como também são aqueles costumes originários do continente europeu.

A associação direta entre folclore e a influência europeia, especialmente portuguesa e, o interesse literário enquanto um dos elementos centrais para que Antônio Lopes empreendesse alguns esforços em nome dos “assuntos folclóricos” na medida em que buscou “coletar” os “vestígios”, “reminiscências” e “sobrevivências do romancieiro hispano-português no Maranhão”.

Em síntese, a visão de Antônio Lopes acerca das práticas culturais classificadas como “folclóricas” e “populares” supervaloriza os “vestígios”, “reminiscências” e “fragmentos” da herança além-mar e considera com resignação os “desvios”, “adaptações”, “discrepâncias” e “alterações” como especificidades nacionais, regionais ou locais.

3.2. *Fulgêncio Pinto: o “folclore” no romance Dr. Bruxelas & cia*

O “jornalista”, “escritor”, “poeta”, “multi-instrumentista”, “compositor”, “radialista”, “folclorista”, Fulgêncio de Sousa Pinto nasceu em primeiro de janeiro de 1894, no Araçagi, atualmente bairro do município de São José de Ribamar (Maranhão) e faleceu em São Luís em primeiro de maio de 1960, com 66 anos de idade.

Fulgêncio Pinto teve oportunidades de ter uma formação escolar tal qual a maioria dos seus contemporâneos da Subcomissão maranhense de folclore. No entanto, possivelmente, estava em uma posição socioeconômica menos privilegiada em relação aos demais que assumiram postos político-administrativos em instituições culturais como Instrução pública, Biblioteca pública, Liceu maranhense e Serviço de imprensa oficial ou exerceram atividades como advogado, juiz de direito, promotor ou procurador.



Suas publicações foram divulgadas em jornais e revistas locais. Além delas, Fulgêncio Pinto teve um livro publicado e deixou escritos inéditos como *Bequimão e a conjuração mineira*. De modo geral os temas tratavam de costumes locais e estudos sobre assuntos regionais.

Em 1923 escreveu o romance *Dr. Bruxelas & cia*, publicado em 1924. Em nota introdutória, da segunda edição, publicado em 2013, Sebastião Moreira Duarte, membro da Academia maranhense de letras (Aml) e professor universitário da Ufma, afirma que o livro consiste em uma pequena obra literária contra a literatura. Citando Aluísio Azevedo, o Autor adverte que aqueles que não amarem a «verdade na arte» ou não tiverem «ideias bem claras a respeito do naturalismo» que façam o favor de não lerem a obra, posto que o livro veio: «verdadeiro, sem rebuscos de arte nem enfeites bombásticos de retórica. É realista e, sendo realista, é sincero. Não se encontrará no livro uma mentira sequer. As suas páginas são verdadeiramente humanas» (Pinto, 2013: 23).

Essa espécie de “realismo” também é realçada por seu filho, ao afirmar que: «*Dr. Bruxelas*, por exemplo, é um livro que ele não fala sobre folclore, ele fala sobre uns personagens de São Luís na época, como era, como viviam, como era a sociedade, parte da sociedade, prostituição na rua» (Bittencourt, 2013) A estratégia utilizada por ele para dar sustentação aos aspectos de “veracidade” e “realismo” foi a de ressaltar que a obra resultou de observações de situações e tipos sociais concretos, visto que tinha dupla ligação com o meio social local (“popular” e “intelectual”).

É necessário ressaltar que sua origem materna¹⁰ teve um papel importante na aproximação de Fulgêncio Pinto com domínios sociais considerados como “periféricos”, “populares”, “dominados”, conforme relato: «como essas festas do divino faziam parte do folclore, elas eram feitas muito no interior da Ilha e ele como filho único, pra onde ela ia, levava ele e ele começou a vivenciar isso desde criança e enveredou por esse caminho» (Bittencourt Pinto dos Reis, 2013).

O livro *Dr. Bruxelas & cia* trata das ações feitas por uma turma de homens (O Braga, Paixão, Gastão Vidal, Trindade, entre outros), sob a liderança do personagem principal (dr. Bruxelas), que agem com vistas a conquistar diferentes mulheres utilizando um único artifício: a

¹⁰ A partir do depoimento de José dos Reis Bittencourt Pinto apreende-se que a mãe de Fulgêncio Pinto era negra ou mestiça e sua família não possuía muitos recursos financeiros.



suposta condição econômica abastada ou estabilizada, bem como, o exercício de funções profissionais reconhecidas socialmente¹¹.

No que se refere as concepções relacionadas a práticas culturais não elitizadas, o próprio termo “folclore” não aparece no romance de Fulgêncio Pinto. Entretanto, ele cita várias festas e manifestações culturais que serão, posteriormente, classificadas como “folclóricas” a partir da década de 1940, a saber: 1) “baralho”; 2) “dominó”; 3) “tambor de crioulos”; 4) “cordões”; 5) “divino espírito santo”; 6) “benzimento”; 7) “curandeirismo”; 8) “ditos”; 9) “divertimentos” e “jogos”; 10) “bumba-meu-boi”.

Quando aparecem no livro de Fulgêncio Pinto, tais práticas culturais uma ou outra com descrições significativas associam-se aos contextos nos quais o enredo é desenvolvido e a determinados personagens. A exemplo, quando dr. Bruxelas buscava encontrar uma “vítima” durante o carnaval há também uma pequena descrição do “tambor de crioulos”: «E lá ao longe, numa esquina, estrondava o tambor de crioulos, no meio da urbe, numa roda de curiosos, onde uma negra reluzente e um mulato desdentado, sem máscaras, gotejantes de suor, dançavam dando pungas desastradas nos apreciadores do brinquedo, ao som do canto dolente de muitas vozes, daquela dança bárbara dos nossos avós africanos, cujo eco era ouvido à distância» (*Idem*). Percebe-se a existência de uma supervalorização dos referentes culturais do narrador em detrimento dos tipos sociais descritos, ainda que tenham algum valor enquanto “coisas gentílicas”.

A princípio, o itinerário social de Fulgêncio Pinto indica um deslocamento que parte de uma origem social não elevada, mas que possibilitou tanto a escolarização, detenção de certos recursos culturais e econômicos, como também, uma aproximação com práticas, situações e agentes sociais alocados em posições mais baixas, não escolarizadas e com pouco poder aquisitivo.

Fulgêncio Pinto é identificado como um daqueles que atuaram no cenário cultural e literário de São Luís a partir da década de 1920 enquanto «um dos intelectuais que mais intimidade tinha com o folclore maranhense» (Corrêa, 2001: 84). Em matéria de jornal do ano de 1942, ele é singularizado como «um andarilho conciente, que vai procurar os motivos mais íntimos da poesia popular onde quer que eles

¹¹ Médico, proprietário de terras e imóveis, engenheiro, banqueiro, negociante, alugador de imóveis, coronel, farmacêutico, etc.



se escondam aos indiferentes da sociedade enfatuada» (*Diário do Norte*, 25/1/1942). Em suma, Fulgêncio Pinto foi um agente relativamente “indeterminado”, dadas as “oscilações de seus investimentos” como jornalista, escritor, professor, músico, radialista e por fim enquanto funcionário público estadual, bem como, nas diferentes modalidades de produção intelectual e musical. Uma hipótese é que ele transformou as experiências familiares primárias em objeto de interesse literário e musical resultando na sua caracterização local como “folclorista” ou “estudioso do folclore”.

3.3. O “negro” e a “linguagem popular” nos escritos folclóricos de Vieira Filho

O “jornalista”, “advogado”, “professor”, “folclorista” e “gestor cultural” Domingos Vieira Filho nasceu em 25 de setembro de 1924, em São Luís. A família de Vieira Filho possuía recursos suficientes para garantir a realização e conclusão dos estudos básicos, secundário e superior dos filhos. Com 21 anos de idade, exercendo a função de auxiliar em jornais como o *Diário de São Luís*, Domingos Vieira Filho escreveu dois artigos tangenciando os “assuntos folclóricos”: o primeiro sobre um dos folcloristas mais conhecidos no País, Câmara Cascudo (*O Combate*, julho de 1945) e o artigo *Sobre contos populares* (*Diário de São Luís*, novembro de 1945).

Com a criação da Subcomissão maranhense de folclore, em maio de 1948, quando Vieira Filho era graduando da Faculdade de direito e membro do diretório acadêmico, provavelmente já tinha sido aluno de Antônio Lopes e também o conhecia como figura de destaque na cidade, além das inserções anteriores de ambos no Diretório regional de geografia. Seis meses depois da fundação da Scmfl Vieira Filho escreveu o artigo *Etnografia e folclore: uma bibliografia maranhense de folclore* no qual fez um levantamento das publicações existentes até então sobre o tema.

Esse primeiro texto de Vieira Filho tem um tom de insatisfação devido à escassez de pelo menos um livro “inteiramente dedicado ao folclore”, a exceção dos escritos de Celso Magalhães. Este último, que teria iniciado os estudos folclóricos no Brasil, porém faleceu precocemente deixando trabalhos incompletos.



O forte interesse em construir levantamentos bibliográficos foi algo constante na produção textual de Vieira Filho, bem como, a sua produção bibliográfica voltada para vários temas folclóricos¹² e, que associa-se, também, à crença, expressa em seus primeiros escritos e em cartas trocadas com Renato Almeida¹³, na existência de um terreno ainda «virgem» (1945), de que «o assunto interessa a um reduzido número de pessoas» (1950) e que «os estudos do popular em nossa terra estão apenas aflorados» (1959).

No ano de 1950, Domingos Vieira Filho encaminhou a comunicação *A do divino em São Luís* para a Cnfl descrevendo alguns momentos da realização da festa, a indicação do local, os tipos sociais que habitavam a localidade (operários de fábricas, rendeiras, pescadores, lavadeiras, artesãos, gente miúda e trabalhadora, simples e boa) e contendo a transcrição de trechos de cânticos.

Ele sublinhou que a festa possuía grande «significação na vida dos pretos de S. Luís», sendo os “devotos” descendentes dos “velhos africanos”. A atenção que o Autor conferiu à relação entre negritude brasileira e folclore¹⁴ foi bastante significativa e provavelmente influenciada por leituras de trabalhos como de Nina Rodrigues, este último tendo sido tema de três artigos de Vieira Filho¹⁵.

No texto publicado no *Diário de Sorocaba*, com título genérico, *Folclore no Maranhão* (1974), Vieira Filho inicia o artigo reconhecendo a dificuldade de sintetizar os «fatos da cultura de Folk no Maranhão». Todavia, avisa que para aqueles que quiserem uma receita para tal empreendimento bastaria «misturar influencias aborígenes com as negro-africanas e lusas, estas mais fortes porque, do ponto de vista cultural, influenciam massivamente» (Vieira Filho, 4 agosto 1974).

Se por um lado, ele supervaloriza os legados portugueses, por outro, o Autor, ao discorrer sobre o bumba-meu-boi, afirma que tal prática é

¹² Linguagem popular, literatura oral, danças, folguedos, cultos, arte e artesanato, culinária, calendário de festas, por exemplo.

¹³ Esteve a frente da Comissão nacional de folclore durante dez anos.

¹⁴ Artigos que não foram encontrados: *O negro na formação do Brasil* (1949); *O negro na poesia brasileira* (1956); *A escravidão negra através de anúncios de jornal* (1968); *Os negros deformados* (1968); *Contra o negro* (1971); *Tambor de Mina* (1971) e *Documentos para a história da escravidão negra no Maranhão* (1978).

¹⁵ 1) *Nina Rodrigues (O combate)*, São Luís, 21 julho de 1945; 2) *Um livro sobre Nina Rodrigues*, (*Revista de Geografia e História*, São Luís, 2, junho de 1947); 3) *Mestre Nina Rodrigues (Jornal do Brasil)*, Rio de Janeiro, 23 junho de 1957).



uma das mais antigas e mais importantes expressões folclóricas do Maranhão com origem no período colonial, e caracteriza do tambor de crioula como um dos folguedos prediletos dos negros (*Idem*).

De modo geral, em relação às práticas culturais trabalhadas por Domingos Vieira Filho – Dança de São Gonçalo, Os Congos, Le lélé, Orações populares, Banhos cheirosos, lendas, mitos, costumes, culinária, doçaria, parlendas, o brinquedo infantil “pião” e cânticos associados ao peixe denominado “bagre” – a exposição feita pelo Autor ateu-se aos seguintes aspectos: nomenclaturas e listagem de denominações equivalentes quando existem; caracterização breve; localidades onde ocorre; indicação de formas de proceder e materiais utilizados e transcrição de versos, orações, canções, etc.

A partir da trajetória de Vieira Filho, por exemplo, foi possível identificar um interesse propriamente folclórico, posto que as formas de atuação por ele realizadas foram orientadas pelas expectativas e debates formulados no seio da rede de agentes lideradas por Renato Almeida ao coordenar a Comissão nacional de folclore e as comissões estaduais.

Deste modo, algumas das principais preocupações de Domingos Vieira Filho estiveram associadas às diretrizes postuladas pela Cnfl, tais como: 1) produção de mapeamentos e levantamentos de «objetos, gravações sonoras, filmes, textos, etc.»; 2) elaboração de questionários acerca dos «problemas folclóricos»; 3) realização de «cursos, conferências e festivais folclóricos, com a revivescência de festas tradicionais», dentre outros (Documentos Comissão de folclore, março 1948).

4. Considerações finais

A tentativa de perceber como são construídos e delineados interesses de “intelectuais”, “literatos” e “eruditos” direcionados para práticas culturais classificadas como “folclóricas” no Maranhão, a partir da análise das características sociais e de algumas produções escritas, indicou a existência de perfis e interesses heterogêneos.

A constituição da Scmfl só foi realizada e, posteriormente, estimulada a ser reestruturada, graças às cadeias, fluxos e “ressonâncias” das atuações de agentes e instituições externos e que tiveram, na década de 1940, “ecos” localizados e limitados a engajamentos pessoais, informais e circunstanciais em nome do “folclore”.



Todavia, de modo geral, identificamos “aproximações relativas” e “interesses limitados” direcionados para os “assuntos folclóricos” em que os investimentos “intelectuais”, “literários”, “artísticos” e “jornalísticos” eram indissociáveis. Ao mesmo tempo, possibilitaram a ampliação, em graus diversificados, de capitais sociais, simbólicos e culturais, principalmente, daqueles que eram recém-bacharéis e aspirantes a construir carreiras como poetas e escritores no âmbito local em meados da década de 1940.

A partir da análise, em termos gerais, pudemos observar que os aspectos que importavam e entraram em cena para que determinados agentes se aproximassem dos “assuntos folclóricos” foram, principalmente: 1) a ampliação do capital de relações sociais, simbólicos e de notoriedade pessoal e, também, os recursos culturais (fundamentados na ideia da atuação do “intelectual” enquanto formulador de explicações e compreensões sobre a “realidade regional” e as especificidades do “ser maranhense” vinculadas a origens “tradicionais”, “antigas”, “populares”, “negras”, “exóticas”, etc.); 2) a construção de investimentos folclóricos no sentido formulado pelos agentes engajados na rede que constituía a Comissão nacional de folclore e as subcomissões, observado, exclusivamente, na trajetória social de Domingos Vieira Filho.

Em relação as problemáticas expressadas em escritos folclóricos, foi possível perceber que algumas delas foram dirigidas para os seguintes aspectos: 1) preocupação com o “desaparecimento”, “esquecimento” e “desuso” de práticas culturais (o que exigiu ações voltadas para a “coleta”, o “registro”, o “mapeamento” a “documentação” escrita ou expectativas de realizar pesquisas mais próximas de áreas de conhecimento das ciências sociais, especialmente a antropologia); 2) atenção às formas literárias e linguísticas do “popular” (tanto no sentido de reflexões e comparações formais, como também, da indicação de significados); 3) fixação na identificação das “origens” e “sobrevivências” das influências externas (portuguesa, principalmente); 4) delineamento de temáticas associadas as conjunturas históricas, sociais e intelectuais em diferentes momentos – como, por exemplo, “poesia popular” (Antônio Lopes); “regionalismo” da “musicalidade popular” (Fulgêncio Pinto); “mestiçagem” e fábula das “três raças” como elementos constitutivos do “popular” (Vieira Filho).

Sobre as concepções de “folclore” percebemos que estas se associavam, sobretudo, as práticas culturais de cunho místico-religioso, artístico, lúdico, artesanal, alimentício, linguístico e comemorativo, que na ótica dos agentes responsáveis pela fabricação do “popular” apresentam-se



como “desconhecidas”, “estranhas”, “distantes”, mas, também, possuíam uma “antiguidade” que implicaria na condição de “tradicional”, tendo sido originária de outras matrizes culturais e permanecido a partir da transmissão “não erudita”.

Nesses termos, tais práticas eram vistas como verdadeiros alicerces culturais que são mais visíveis e concretos em áreas afastadas dos meios urbanos e podem ser utilizadas como matérias-primas privilegiadas para elaborações intelectuais, artísticas, literárias, musicais e de crenças em princípios identitários, por exemplo. Tais visões e construções sobre a cultura *folk* são permeadas de juízos de valor.

No que se refere àqueles que, devido a suas respectivas atuações, investimentos e vinculações sociais, foram identificados como “folcloristas”, ao término do estudo consideramos que cada um deles possuiu interesses específicos em relação aos estudos e práticas associadas ao “popular”.

Antônio Lopes reconverteu as experiências de seu tio Celso Magalhães em interesses literários, intelectuais e voltados para a construção de singularidades da “cultura maranhense” e brasileira.

Fulgêncio Pinto, de origem social mais próxima aos segmentos sociais com posições mais baixas no espaço social, transformou a familiaridade e conhecimentos prévios em uma possibilidade de atuação literária (legitimada por correntes artísticas baseadas em princípios do “naturalismo” e “realismo”) e musical (utilizando as práticas “populares” como recursos estéticos do seu próprio fazer enquanto músico, compositor e mediador).

Por fim, Domingos Vieira Filho teve seu interesse inicial, provavelmente, associado à literatura e à perspectiva compartilhada por seus contemporâneos em aliar a carreira de advogado a literato, além do que, uma de suas preocupações era em relação ao registro do emprego da “linguagem popular”. Posteriormente, houve a conjunção entre essa primeira aproximação com a construção de Testa Clicia Abreu um interesse folclórico, em diálogo com as ciências sociais e, que se vinculou aos investimentos político-administrativos enquanto gestor cultural.



Referências bibliográficas / References

- Academia maranhense de letras/Aml, *Antologia da Academia maranhense de letras (1908-1958)*, Edições do Centenário, São Luís, 2008.
- Albernaz L.S.F., *As instituições culturais, concepções de cultura e as classificações das produções culturais no Maranhão*, in Albernaz L.S.F., *O “urrou” do boi em Atenas: Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*, tese de doutorado em Antropologia, Universidade de Campinas/Unicamp, Campinas, 2004, pp.163-228.
- Barros A.E.A., *O pantheon encantado: culturas e heranças africanas na formação de identidade maranhense (1937-1965)*, mestrado em estudos étnicos e africanos, Salvador, 2007.
- Bittencourt Pinto dos Reis, *Entrevista*, 26/07/2013.
- Bittencourt Pinto, *Entrevista*, 26 de julho 2013.
- Bourdieu P. (1980), *O capital social. Notas provisórias*, in Nogueira M.A. e Catani A. (cur.), *Pierre Bourdieu. Escritos de educação*, Vozes, Petrópolis, 1998, pp.67-69.
- Bourdieu P. (1987), *Coisas ditas*, Brasiliense, São Paulo, 2004.
- Bourdieu P. (1992), *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*, tradução Maria Lucia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1996a.
- Bourdieu P. (1994), *Razões práticas: sobre a teoria da ação*, Papirus, Campinas e São Paulo, 1996^b.
- Braga A.S. Ramos, *Folclore e política cultural. A trajetória de Domingos Vieira Filho e a institucionalização da cultura*, mestrado em políticas públicas, São Luís, 2000.
- Cavalcanti M.L.V.C., *Entendendo o folclore e a cultura popular*, Setor de difusão do museu de folclore Edison Carneiro, Rio de Janeiro, 1980, disponível em <http://www.lauracavalcanti.com.br/>, acesso em 09 set 2013.
- Cavalcanti M.L.V.C., Lins e Barros *et al.* (cur.), *Folclore e cultura popular. As várias faces de um debate*, Fundação nacional de artes/Funarte, Rio de Janeiro, 1992.
- Cavalcanti M.L.V.C., *Por uma antropologia dos estudos de folclore. O caso do Maranhão*, in *Amazônia, desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural*, Editora da Universidade federal do Maranhão/Edufma, São Luís, 2009.



- Centro nacional de folclore e cultura popular/Cnfcop, *Em busca da tradição nacional (1947-1964)*, Caminhos da cultura popular no Brasil, vol.1, Rio de Janeiro, 2008.
- Corrêa H.M.M., *O bumba-meu-boi do Maranhão. A construção de uma identidade*, dissertação de mestrado em história cultural, Universidade federal do Pernambuco/Ufpe, 2001.
- Corrêa Rossini J., *Formação social do Maranhão. O presente de uma arqueologia*, Sioge, São Luís, 1993.
- Diário do Norte, *Fulgêncio Pinto e o seu folklore*, São Luís, 25 jan. 1942.
- Documentos Comissão de folclore do Instituto brasileiro de educação, ciência e cultura, março 1948.
- Dulcio Vaz L.G., dos Santos Reinaldo B.T. (cur.), *Perfil dos sócios. Ocupantes das cadeiras*, Instituto histórico e geográfico do Maranhão (Ihgm), São Luís, 2013, disponível em <http://issuu.com/leovaz/docs/perfildossocios-ocupantes-volu>, acesso em 23/12/2013.
- Elias N., *Introdução à sociologia*, Edições 70, Lisboa, 2008.
- Elias N., *O processo civilizador*, Zahar, Rio de Janeiro, 2011.
- Feldman-Bianco B., *Introdução*, in Feldman-Bianco B. (cur.), *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*, Editora da Universidade estadual de São Paulo/Unesp, São Paulo, 2010, pp.19-56.
- Ferretti S.F., *A Comissão maranhense de folclore e suas origens*, «Boletim da Comissão Maranhense de Folclore», 44, 2009, pp.3-6.
- Ferretti S.F., *Cinquenta anos da Comissão maranhense de folclore*, «Boletim da Comissão Maranhense de Folclore», 7, 1997, p.9.
- Geertz C. (1983), *Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno*, in Geertz C., *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*, Vozes, Petrópolis, 1997, pp.220-245.
- Gomes C.A.A., *A fabricação do folclore no Maranhão. Investimentos e interesses no contexto da Subcomissão maranhense de folclore*, Maranhão, São Luís, 2014
- Grill I.G., *Múltiplas dimensões de uma agenda comum de pesquisas: elites, profissionais e lideranças políticas*, in Grill I.G. et al., *Elites, profissionais e lideranças políticas (RS e MA). Pesquisas recentes*, Editora da Universidade federal do Maranhão/Edufma, São Luís, 2008.
- Instituto cultural Cravo Albin, *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*, disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/renato-almeida>, acesso em 5 de agosto 2016.



- Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional/Iphan, *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois. Princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil (2003-2010)*, Iphan, Brasília, 2010.
- Lopes A., *Folklore*, «Pacotilha», 3 de julho 1915.
- Lopes A., *Presença do romancista*, Versões maranhenses, Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1967.
- Miceli S., Sergio, *Intelectuais à brasileira*, Companhia das letras, São Paulo, 2001.
- Ortiz R., *Românticos e folcloristas*, Olho d'água, São Paulo, 1992.
- Pinto F., *Dr. Bruxelas & Cia.*, Instituto Géia, São Luís, 2013.
- Sigal S., *Introducción. Intelectuales, cultura y política*, in Sigal S. (cur.), *Intelectuales y poder en Argentina. La década del Sesenta*, Siglo XIX, 2002, pp.1-17.
- Sousa Martins de A., *Dando nome aos bois. A identidade como artefato*, monografia de conclusão de curso de graduação em ciências sociais, Universidade federal do Maranhão, São Luís, 2003.
- Vieira Filho D., *A festa do divino em São Luís*, Comunicação à Comissão nacional de folclore/Cnfl feita por Domingos Vieira Filho em 1950, Publicação posterior, «Correio da Manhã», 2 nov. 1961, digitalizzato s.p.
- Vieira Filho D., *A Festa do divino Espírito Santo*, «Revista da Academia Maranhense de Letras», IX, maio de 1954, pp.1-10.
- Vieira Filho D., *Folclore do Maranhão*, «Diário de Sorocaba», 4, agosto, 1974, pp.1-3.
- Vieira Filho D., *Folclore no Maranhão (Ensaio bibliográfico)*, Edição do Autor, Tipografia Teixeira, São Luís, 1959.
- Vieira Filho D., *Mestre Nina Rodrigues*, «Jornal do Brasil», 23 jun 1957, digitalizzato s.p.
- Vieira Filho D., *Nina Rodrigues*, «O Combate», 21 julho 1945, digitalizzato s.p.
- Vieira Filho D., *O culto vodou. Identificações em São Luís e no Haiti*, «Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão», IV,4, julho 1952, digitalizzato s.p.
- Vieira Filho D., *O engano das raças*, «Revista do Maranhão», abril, 1951^b, pp.11-13.
- Vieira Filho D., *O negro na poesia popular*, «Revista do Maranhão», abril, 1951^a, pp.22-23.



- Vieira Filho D., *Populário maranhense. Nota bibliográfica*, Civilização Brasileira e Secretaria de Estado da cultura do Maranhão/Secma, Rio de Janeiro, 1982.
- Vieira Filho D., *Um livro sobre Nina Rodrigues*, «Revista de Geografia e História», 2, junho 1947, digitalizzato s.p..
- Vieira Filho D., *Uma bibliografia maranhense de folclore*, «Marco», 15/11/1948, pp.1-4.
- Vilhena I.R., *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro 1947-1964*, Fundação nacional de artes/Funarte e Fundação Getúlio Vargas/Fgv, Rio de Janeiro, 1997.

Recebido: 14/05/2017
Aprovado: 07/09/2017

